

# Ser mulher na pós-graduação em Filosofia

Ana Carla de Abreu Siqueira<sup>1</sup>

**B**astam poucos anos de estudo para ficar evidente que o espaço das mulheres na filosofia é pequeno e constantemente ignorado. Com efeito, desde a graduação, a filosofia produzida por mulheres é pouco explorada. Mais do que isso: no Brasil, o número de mulheres na pós-graduação em Filosofia é inferior ao número de homens, tanto no corpo discente como no corpo docente<sup>2</sup>. Este texto não tem pretensões de discutir os motivos que causam o afastamento das mulheres na história da filosofia. Também não apresenta dados sobre a pouca demanda dos estudos de filólogas e sobre gênero. Essas reflexões já estão sendo realizadas e apropriadas com mérito por estudiosas especializadas no assunto. Trata-se de um desabafo e uma tentativa de discutir algumas percepções sobre a dificuldade que é ser mulher na pós-graduação em filosofia.

Em muitos textos de filósofos consagrados e obrigatórios nos currículos, deparamo-nos com passagens que colocam a mulher em condição de inferioridade.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia – UFC/Funcap

<sup>2</sup> Cf. ARAÚJO, Carolina. Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil, p.4: “A comunidade é atualmente composta por 4.437 indivíduos, dos quais 1.199 mulheres, 27% dos indivíduos, e 3.238 homens, 73% dos indivíduos. Desse total 3.652 indivíduos são discentes, dos quais 1.036 mulheres e 2.616 homens, ou seja, entre os estudantes de pós-graduação em filosofia no Brasil há 28,4% de mulheres e 71,6% de homens. No total são 785 indivíduos que trabalham como professores de PPGFs no Brasil, dos quais 163 são mulheres e 622 homens, portanto as mulheres compõem 20,76% dos indivíduos docentes, enquanto os homens são 79,24%.”

Mostrar o rebaixamento da condição feminina significa evitar a repetição desse erro. Afinal, quando escolhemos ler esses autores – os quais fracassaram na tarefa de reconhecimento do gênero feminino – não podemos reproduzir o machismo presente em seus discursos. Suas ideias moldam até os dias atuais a perspectiva de leitores no espaço acadêmico e na vida cotidiana. O diálogo filosófico requer confiança entre seus interlocutores e, se professores e alunos estão presos a um sistema misógino, certamente as mulheres não terão chances de expor seus argumentos com a mesma segurança que os homens foram ensinados a ter.

Ainda existe um longo caminho até o reconhecimento da nossa independência intelectual. Para isso, não é preciso deixar de lado os textos escritos por homens nem começar a ler apenas mulheres. Antes de tudo, é essencial não silenciar uma mulher quando ela mostra o seu pensamento e também participar da luta contra as inúmeras injustiças sofridas diariamente por tantas mulheres. No ambiente acadêmico, isso infelizmente é comum quando alguém procura elogiar a aparência de uma mulher em detrimento do seu esforço e da sua inteligência ou atribui a um homem a autoria de um texto apenas por ter sido bem escrito e argumentado.

Nós possuímos a mesma autoridade em discussões sobre política, ética, epistemologia, linguagem, estética, hermenêutica e qualquer assunto relevante à nossa existência. Também precisamos sentir que somos representadas, conhecendo os textos escritos por pensadoras e utilizando seus pressupostos como apoio para debates e reflexões. Temos como exemplos notáveis Mary Wollstonecraft, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, Susan Sontag, Angela Davis, Iris Marion Young, Judith Butler, Djamila Ribeiro, Hypatia de Alexandria, Carla Rodrigues, Jeanne Marie Gagnebin, Suzana Castro e Marilena Chauí.

Entretanto, percebemos que as desigualdades de gênero nunca foram questionadas. Mulheres possuem especificidades, mas nem por isso devem ser coadjuvantes na história da filosofia. Seria necessário pensar como as vivências femininas devem ser incorporadas em uma discussão crítica. Sabemos que os debates em torno das questões de gênero encontraram e ainda encontram resistência nos grupos de pesquisa e nas salas de aula. A figura masculina ainda aparece em lugar de protagonismo, baseando-se em teorias arcaicas de que a mulher é intelectual e biologicamente mais fraca do que o homem. A criação do GT Filosofia e Gênero pela Anpof, por exemplo, foi um passo essencial para a discussão de questões feministas a partir de uma base filosófica e para a modificação dos modos patriarcais de filosofar.

A filosofia não pode deixar de interagir com as situações concretas da vida humana. Portanto, as premissas filosóficas oferecem um apoio sólido nas discussões em torno de pautas essenciais para o feminismo, tais como o engajamento da mulher na política, a cultura do estupro, a liberdade da mulher em situações de violência

doméstica e as vivências corporais, uma vez que o controle dos corpos femininos é uma característica marcante da sociedade patriarcal. Porém, o debate feminista ainda parece causar desconforto nos homens. Eles teriam medo de perder um espaço de fala dominante e exclusivo? De reconhecer que o gênero feminino possui questões particulares a serem discutidas e que não devem ser isoladas? Receiam que sejamos bem-sucedidas e que livros escritos por mulheres sejam citados com maior frequência em artigos, dissertações e teses?

O machismo no ambiente acadêmico é tão banalizado, que está refletido até mesmo nas conversas fora das salas de aula. “Esqueça o namorado e vá escrever.” “Acho que você não vai defender.” “Você não vai passar no doutorado.” “Vai ter tempo de estudar, sendo casada?” “Você estava bonita na seleção.” Todas essas são frases reais escutadas por mim e por colegas nos departamentos de filosofia. São frases bastante difíceis de serem escutadas e situações revoltantes de serem testemunhadas. As limitações desse discurso contribuem para que qualquer mulher venha a se sentir isolada durante os anos de pós-graduação.

Imaginem a solidão que é ser mulher na filosofia: assistimos às aulas em uma sala repleta de homens e, mesmo quando há um número consideravelmente alto de mulheres, ainda somos a minoria. De fato, homens dominam a filosofia, pois quase todos os professores são do sexo masculino. Além disso, o maior número de autores lidos – quase como uma totalidade – são homens. Imaginem a solidão de ser uma aluna na hora da defesa: depois de alguns anos sendo orientada por um professor, ela ainda é avaliada por outros docentes do sexo masculino, uma vez que eles também predominam nas bancas de qualificação e defesa. O olhar deles sobre nós, sua compreensão das nossas palavras e o modo como escutam o nosso discurso formam um momento de autoridade masculina. Nossa percepção filosófica e nosso esforço dependem da avaliação e da aprovação dos homens.

Afinal, o que dizer da história da academia quando o número de mulheres matriculadas em um programa de pós-graduação ou ligadas ao corpo docente não chega à metade do número de homens? O que dizer quando o número de mulheres é tão reduzido que chega a ser igual ao número de homens com determinado nome?<sup>3</sup> Isso sem esquecer que o número de mulheres negras é ainda menor, chegando a ser inexistente em alguns departamentos, reflexo dos problemas históricos que a academia precisa superar para alcançar a igualdade que sonhamos para todas. Para alguns, um suposto desinteresse bastaria para explicar a redução do número de mulheres que encontramos a cada nível: na graduação há mais mulheres do que no mestrado, onde há mais mulheres do que no doutorado e, por sua vez, aí

---

<sup>3</sup> Tomo como exemplo um dado sobre o Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFC: em 2015, havia quarenta e três alunos matriculados no doutorado. Apenas quatro de nós éramos mulheres; quatro era também o número de homens que se chamavam Daniel.

encontramos mais mulheres do que no corpo docente<sup>4</sup>.

Isso acontece porque, desde os primeiros anos de carreira, encontramos obstáculos variados: casos de assédio que fazem com que mulheres desistam, a falta de apoio à mulher que é mãe e trabalha, o esgotamento mental de quem é desacreditada. E por qual motivo algumas pessoas ainda dizem que não nos interessamos? Será que ainda enxergam a mulher como um ser passivo e submisso, incapaz de impor suas ideias? A proporção feminina é baixa porque estamos diante de um problema cultural. Não se trata de um limite atinente à constituição física ou à inteligência. Infelizmente, porém, ainda permanece uma crença machista de que a filosofia não é assunto de mulher.

Mas nós queremos estudar e temos o direito a um aperfeiçoamento constante. Estudamos autores masculinos – e eu mesma, confesso, fui conduzida neste caminho – ou ao menos partimos deles por dois motivos óbvios: o primeiro, porque respeitamos a história da filosofia e não pretendemos simplesmente descartar tudo o que já foi construído e as teorias que nos são relevantes; e o segundo, porque a eles sempre foram dadas oportunidades de estudar. Foram eles que, durante séculos de privilégio, tiveram a chance de ler, escrever, repetir e refutar aquilo que outros homens disseram. Como consequência inevitável, desde que começaram a filosofar, homens acreditam possuir o direito de nos explicar coisas.

Eles sempre têm algo a nos dizer, estão sempre dispostos a nos corrigir, a fazer interferências públicas e até mesmo acreditam que, quando não concordamos com eles, significa que não entendemos. Isso acontece ainda que sejamos mais qualificadas no assunto em discussão. Que possamos então deixar que as mulheres expliquem coisas umas para as outras. E se cada uma de nós se propuser a assistir suas aulas e palestras, convidá-las para bancas de qualificação e defesa, utilizar mais comentadoras em textos, já estamos fazendo um exercício importante na filosofia, senão urgente e essencial: dar voz e mais credibilidade às mulheres. Afinal, questionar nosso lugar na filosofia também significa fazer um exercício filosófico.

Ser mulher na pós-graduação em filosofia é uma tarefa difícil, que nos exige sacrifícios e nos deixa mais exaustas do que supostamente deveríamos ficar. Não bastam as horas de estudo, discussões e dedicação à escrita. É preciso provar diariamente que merecemos estar ali, que somos capazes de filosofar e discutir com homens que se impõem com a vantagem de uma tradição que sempre os colocou como donos da razão. É preciso ler e confrontar ideias masculinas, para discuti-las

---

<sup>4</sup> Cf. ARAÚJO, Carolina. *Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil*, p.8: “Se tomamos os dados da pós-graduação aqui levantados em contraste com os números mais recentes da graduação (2014), temos que as mulheres são 38,4% dos graduados, 28,45% dos discentes matriculados na pós-graduação, 28,36% dos discentes da pós-graduação em geral, 20,94% dos docentes permanentes da pós-graduação, 19,95% dos docentes de pós-graduação em geral e 12,16% dos docentes que são convidados a participar de mais de um programa de pós-graduação.”

com outros homens e ter sempre que ouvir algum comentário machista, impiedoso e, às vezes, constrangedor. Muitas vezes, não podemos contestar porque corremos o risco de sermos silenciadas, perseguidas e difamadas.

Somos vistas como exageradas, sensíveis e vulneráveis. Mas só estamos vulneráveis a todos os tipos de assédio, sem receber apoio de professores e colegas, pois falar sobre isso incomoda. Nós não queremos elogios sobre nossa aparência. Não queremos expor o corpo para ter alguma atenção, tampouco escondê-lo para evitar constrangimentos. Ser mulher na pós-graduação e fazer filosofia é buscar um espaço de fala, mostrar a relevância da nossa percepção e contribuir para as discussões que inquietam qualquer existência. Se a filosofia surgiu para confrontar os mitos, que possamos – como filósofas, pensadoras e estudiosas – derrubar o mito de que a mulher é incapaz de filosofar.

Fortaleza, 06/03/2017.

### **Referências**

ARAÚJO, Carolina. Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil – 2015. São Paulo: ANPOF, 2016, disponível em <[http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina\\_Artigo\\_2016.pdf](http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina_Artigo_2016.pdf)>. Último acesso em 03/03/2017.

RODRIGUES, Carla. A filosofia (brasileira) não é feita só por homens. <<http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/1033-a-filosofia-brasileira-nao-e-feita-so-por-homens>>. Último acesso em 01/03/2017. You